



Espaço Aberto

A IMPRENSA VÍTIMA DO TERREMOTO NO NEPAL

Enio Moraes Júnior¹

Marina Guazzelli²

Catástrofes e acidentes naturais sempre causam grande furor na mídia. Pela quantidade de feridos, pela gravidade do acontecimento ou pelo “fator surpresa” que surge com o ocorrido, veículos da mídia brasileira acabam se assemelhando na produção de notícias sobre tragédias naturais, como o terremoto no Nepal, no dia 25 de abril de 2015.

A cobertura e a produção jornalística nesses casos se caracterizam pelas dificuldades de informações do evento ou pela reprodução dos dados de oficiais que são liberadas pelos governos dos países afetados e por agências de notícia. Além disso, por conta dos critérios de noticiabilidade que atribuem valor às notícias, e devido ao fluxo

¹Doutor em Ciências da Comunicação (USP) e professor do Curso de Jornalismo da ESPM-SP. E-mail: enio@espm.br

²Aluna do curso de Comunicação Social (habilitação em jornalismo) da ESPM-SP. E-mail: marinaguazzelli@acad.espm.br

de informações que chegam às redações, a cobertura acaba sendo “vítima” de uma rotina de produção e se assemelha na maioria das informações divulgadas. Como explica a teoria do *Newsmaking*, o processo produtivo das empresas de comunicação acaba afetando as próprias notícias.

Surgida na segunda metade do século XX, com a transformação do jornalismo em algo mais industrial e mercadológico, essa teoria mostra como a produção dos jornalistas sofre interferência do *modus operandi* das redações. Felipe Pena argumenta:

[...] o processo de produção da notícia é planejado como uma rotina industrial. Tem procedimentos próprios e limites organizacionais. Portanto, embora o jornalista seja participante ativo na construção da realidade, não há uma autonomia incondicional em sua prática profissional, mas sim a submissão a um planejamento produtivo. (PENA, 2005: p. 129).

E complementa:

Diante da imprevisibilidade dos acontecimentos, as empresas jornalísticas precisam colocar ordem no tempo e no espaço. Para isso, estabelecem determinadas práticas unificadas na produção de notícias. É dessa prática que se ocupa a teoria do *newsmaking*. (idem: p. 130).

198

Em seus estudos, a teoria do *newsmaking* também levam em consideração os critérios de noticiabilidade que podem alterar o valor-notícia da cada informação. Interesse humano, proximidade do acontecimento, consequências daquilo noticiado e atores envolvidos no acontecimento podem levar a notícia a tomar diferentes rumos. No caso do terremoto do Nepal, a imprevisibilidade do acontecimento acaba determinando a narrativa. E seu valor-notícia está bem focado no interesse humano devido ao drama envolvendo a população atingida.

O interesse humano gerado por essas informações é notável em qualquer caso de catástrofe. Portais online, noticiários da TV e do rádio trazem as notícias, incessantemente, para os leitores, espectadores e ouvintes que sempre procuram dados sobre o acidente.

Notícias sobre o terremoto de abril no portal *GI*³ são praticamente as mesmas publicadas no site da *BBC Brasil*⁴, a começar pelo título. No *GI*, em matéria do dia 25

³Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/04/forte-terremoto-atinge-o-nepal.html>

de abril, a manchete foi “Forte terremoto no Nepal e na Índia deixa mortos” e na *BBC Brasil* apareceu: “Pior terremoto no Nepal em 81 anos deixa milhares de mortos”.

Os dois sites de notícias enfatizaram a gravidade do problema e as mortes que o tremor causou. Em seus lides, ainda houve a magnitude do terremoto – 7,8 graus na escala Richter – e novamente se comentou sobre as mortes, cerca de 1.500 vítimas fatais. Na divisão das notícias ainda houve intertítulos sobre avalanches no Everest e sobre ajuda e solidariedade internacional.

Além disso, as informações acabavam sendo provenientes de agências internacionais, como *Reuters* (citada no *G1*) e *AP* (*American Press*- citada na *BBC Brasil*). Ademais, todo bloco sobre ajuda humanitária citava os EUA de maneira destacada de outros países do mundo. Squirra e Esperidão (2012) haviam percebido isso na cobertura de outra tragédia natural. Para os autores, na análise da cobertura da tragédia que atingiu o Haiti em 2010 – um terremoto de mais de 7 graus na escala Richter – houve, de fato uma tendência em usar informações provenientes de agências e citar a reação dos EUA nesses casos.

Observando notícias do terremoto haitiano, de 377 matérias veiculadas na TV sobre a tragédia, os autores observaram que 77 citavam ajuda internacional, a reação do mundo e distribuição de comida. O envolvimento americano na tragédia aparecia em 66 matérias, enquanto apenas dez citavam o sofrimento humano e outras três notícias falavam sobre o governo haitiano.

Contra o relógio

O limite de tempo envolvido na produção de notícias é, certamente, o principal fator que afeta a própria produção. Como na maioria das vezes, são eventos inesperados não há tempo de sobra para apurar os fatos. Entre o momento da catástrofe e as primeiras notícias liberadas na imprensa internacional, as redações sofrem dificuldades para buscar informações profundas e diversas e, muitas vezes, como dito antes, acabam se assemelhando nos fatos apurados.

⁴Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/04/150425_nepal_terremoto_hb

As redações só conseguem, então, publicar notícias um pouco mais aprofundadas com o passar dos dias. No imediatismo do acontecimento, o tempo se restringe e acaba restringindo a maioria das matérias.

O segundo argumento para as notícias serem tão semelhantes é valor-notícia que ela possui. No caso de tragédias, o interesse humano do evento acaba determinando a “fórmula” dessas notícias e as histórias a serem contadas. Por serem acontecimentos trágicos, que envolvem muitos feridos e mortes, as notícias acabam gerando um interesse dos leitores por alguns dados. Para a notícia ser interessante e relevante ao leitor, o jornalista opta por divulgar as informações que considera mais interessantes e que causam maior comoção pública.

Nesse sentido, matérias tendem a trazer dados que chocam e chamam a atenção do público. Número de mortos, feridos e as conseqüências para os envolvidos na tragédia acabam sendo as informações que, humanizadas, fazem esse papel de atrair o interlocutor.

Só com o passar do tempo, de dias e de semanas, é que alguns jornais conseguem aprofundar o assunto em outras vertentes. Alguns veículos levam correspondentes ao local da catástrofe e outros fazem especiais sobre a tragédia. Mas é certo que, no furor da notícia, fica muito difícil, para a maioria dos meios de comunicação, se diferenciar no processo jornalístico de registro e cobertura do acontecimento. A rotina de produção das empresas afeta, como propõe a teoria do *newsmaking*, o trabalho do jornalista e a qualidade das notícias.

Referências

PENA, Felipe. *Teorias do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

SQUIRRA, Sebastião; ESPERIDÃO, Maria. “A hegemonia norte-americana nas agências internacionais de notícias audiovisuais: evidências na cobertura jornalística da catástrofe do Haiti”. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/3269/3134>. *Comunicação e Sociedade*: Universidade Metodista de São Paulo, 2012. Acesso: 08 de junho de 2015.